Vilém Flusser: a tradução como superação de fronteiras[1]

Cláudia Santana Martins

Resumo: *Vilém Flusser considerava-se um "cidadão de Praga". Entretanto a sua Praga, a "cidade dourada" em que tchecos, judeus e alemães conviviam em clima tenso, mas de grande riqueza intelectual, foi destruída pela invasão nazista. Forçado a exilar-se, Flusser veio para São Paulo, onde morou durante 32 anos e naturalizou-se brasileiro. Aqui desenvolveu a sua filosofia da língua e da tradução, e iniciou as pesquisas que o tornariam mundialmente conhecido como teórico dos novos meios de comunicação. Este artigo discute as ideias de Flusser sobre língua, tradução, cultura e identidade. Como imigrante e poliglota, Flusser desfrutava de uma situação privilegiada para refletir sobre as barreiras entre as nações e as línguas, e considerava a tradução como uma das únicas possibilidades de se superar essas barreiras.*

Palavras-chave: *Vilém Flusser; Estudos da Tradução; Filosofia da Língua; Cultura; Identidade.*

Introdução

A palavra alemã *Bodenlos*, que significa "sem chão", "sem fundamento", era de tal importância para Vilém Flusser que ele a escolheu como título de sua autobiografia filosófica. Quando se conhece a história pessoal de Flusser, é fácil entender a razão dessa escolha. Nascido em 1920 em Praga, na antiga Tchecoslováquia e atual República Tcheca, Flusser passou a infância e adolescência na atmosfera intelectual e artística da "cidade dourada" entre as duas guerras. Praga era, na época, um grande centro cultural com características próprias. A nova cultura tcheca, inspirada pela política progressista de Masaryk, juntava-se à vida

1 Este artigo é uma reescrita e adaptação de alguns tópicos desenvolvidos em meu livro *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica* (MARTINS, 2011).

cultural judaica europeia e à tradicional cultura alemã da Casa de Habsburgo. Na visão de Flusser, "as três culturas se fertilizavam mutuamente por lutas e colaborações", o que propiciava uma grande riqueza de ideias. Era o tempo do Círculo de Praga, de Kafka, de Rilke, do teatro experimental de Kapek, da fenomenologia de Husserl, da teoria da relatividade de Einstein e das várias escolas de psicanálise. A esse núcleo central formado por tchecos, judeus e alemães, agregavam-se outros povos das mais variadas origens, etnias, culturas e religiões, convivendo em um clima de alto refinamento, mas também constantemente ameaçado por violentos conflitos. Como membro de uma família de intelectuais, de origem judaica, Flusser participou entusiasticamente da efervescência cultural de Praga.

Quando Flusser estava iniciando seus estudos universitários, aos dezenove anos de idade, Praga foi invadida pelos nazistas. Flusser foi forçado a se exilar. Viajou com a família da namorada, Edith Barth, primeiro para a Inglaterra, em 1939, e depois para o Brasil, um país de língua e cultura muito diferentes de sua cidade natal. No livro autobiográfico *Bodenlos*, Flusser (2007, p. 225) conta que todas as pessoas às quais fora ligado em Praga haviam morrido: os judeus, em campos de concentração; os tchecos, na resistência; os alemães, em Stalingrado. Não é de admirar que ele se sentisse "sem fundamento". O que é admirável é a forma como ele usou essa condição de desenraizamento para desenvolver reflexões filosóficas que alcançaram repercussão mundial e contribuíram para uma melhor compreensão da sociedade pós-industrial ou, como Flusser dizia, "pós-histórica".

Flusser se tornou conhecido mundialmente como um teórico dos novos meios de comunicação – seus ensaios sobre a sociedade "pós-histórica", ou "telemática", são considerados pioneiros nesse campo. Não obstante, os temas discutidos por Flusser em sua obra são bastante variados, incluindo a língua, a tradução, a arte, os gestos (no aspecto fenomenológico) e o *design*, apenas para citar alguns. Examinaremos a seguir algumas das reflexões desenvolvidas por Flusser sobre a língua, a tradução, a cultura e a identidade.

Língua: "Majestosamente bela, porém sempre imperfeita"[2]

Flusser nasceu em ambiente bilíngue: em Praga, falava-se tcheco em casa e alemão na escola e no trabalho. Nos anos de sua adolescência, duas influências, a de Kafka e a de Rilke, marcaram a sua relação com a língua. De um lado, Kafka,

2 O título é citação do livro de Flusser, *Língua e realidade* (1963, p. 19).

escrevendo no alemão oficial e burocrático de Praga, desmascarava, segundo Flusser (1967, p. 71), o artificialismo dessa língua; de outro lado, Rilke lhe mostrava um vislumbre do "mistério" que habita a língua. Essas duas influências, aparentemente opostas, constituíam, para Flusser (1976, p. 501), "a mesma beleza, a saber, a da poesia enquanto boca do inefável". Ainda em Praga, como aluno do sistema ginasial herdado do Império Austro-Húngaro, Flusser aprendeu latim e grego clássicos. E ao ler Ortega y Gasset apaixonou-se pelo estilo do escritor a ponto de querer aprender espanhol – estudo que seria interrompido pela invasão de Praga pelos nazistas (FLUSSER, 2007, pp. 73-74).

Durante os poucos meses em que viveu na Inglaterra, como exilado, Flusser aprofundou seu conhecimento do inglês, língua que admirava pela riqueza e plasticidade. Vindo para o Brasil, acabou adotando o português em sua vida diária, em substituição ao tcheco[3]. E ao final da vida, ao se mudar para a França, o francês passou a ser a língua de seu cotidiano.

É natural, assim, que Flusser viesse a fazer da língua um dos seus principais temas de reflexão. Em seu autorretrato filosófico – publicado, em português, no livro *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*, organizado pelo Pe. Stanislavs Ladusãns –, Flusser (1976, p. 499) declara seu amor pela língua:

> Os contornos do meu futuro caminho começavam a delinear-se; o problema central seria a língua. Em primeiro lugar, obviamente, porque amo a língua. Amo sua beleza, sua riqueza, seu mistério e seu encanto. Só sou verdadeiramente quando falo, escrevo, leio ou quando ela sussurra dentro de mim, querendo ser articulada. Mas também porque ela é forma simbólica, morada do Ser que vela e revela, canal pelo qual me ligo aos outros, campo de imortalidade "aere perennius", matéria e instrumento de arte. É meu repertório e minha estrutura, meu jogo, modelo de todos os meus modelos, é aberta e me abre ao inarticulado. Ela é meu engajamento, nela me realizo e por ela deslizo rumo ao seu horizonte e fundamento, o silêncio do inarticulável. Ela é minha forma de religiosidade. É, quiçá, também a forma pela qual me perco.

O trecho citado acima relata o momento em que Flusser iniciou as pesquisas para escrever aquele que seria o seu primeiro livro publicado: *Língua e realidade*,

3 Um relato de Flusser (2003, p. 90) em entrevista a Patrik Tschudin mostra quão profundamente ele adotou o português: pouco antes de sua morte, ao voltar a Praga, Flusser se empolgou ao dar uma conferência e, sem perceber, começou a falar em português, até ser alertado por sua esposa de que a plateia não estava entendendo nada.

lançado no Brasil em 1963. Nesse livro, Flusser estabelece uma ponte entre duas grandes correntes filosóficas de seu tempo – a fenomenologia (em suas várias vertentes, mas, em especial, o pensamento de Heidegger) e a filosofia da linguagem de Wittgenstein – e defende a ideia de que a língua é, cria, forma e propaga a realidade.

À luz da linguística atual, a teoria exposta por Flusser em *Língua e realidade* pode ser considerada limitada ou ultrapassada em muitos aspectos, já que adota como unidade de análise a frase, sem se referir ao conceito de texto e sem tratar do "discurso" no sentido de uma construção vinculada a contextos sociais, históricos e ideológicos. É preciso lembrar, contudo, que o objetivo de Flusser era defender a tese de que a língua "cria" a realidade, o que ele fez de modo bastante convincente. Não deixa de ser impressionante que Flusser tenha conseguido chegar às conclusões a que chegou partindo apenas da multiplicidade das línguas. E se é verdade que Humboldt e Sapir-Whorf já haviam desenvolvido reflexões semelhantes a respeito da língua, também é preciso reconhecer que a teoria flusseriana atualiza Humboldt em vários aspectos e confere à tradução um papel mais claramente definido do que a teoria de Sapir-Whorf. A teoria linguística de Flusser resgata a radicalidade do pensamento de Humboldt ao mesmo tempo em que o livra dos ranços idealistas.

A concepção flusseriana de língua apresenta elementos que poderiam ser considerados pós-modernos. Entre esses elementos, destaca-se a relativização do conceito de verdade, que, em virtude da crise epistemológica da ciência, veio a se tornar um dos temas mais característicos da pós-modernidade. Como solução do impasse a que a relativização dos conhecimentos conduz a ciência, Flusser propõe que nos resignemos ao fato de que as nossas possibilidades de conhecimento são limitadas. Flusser (1966, pp. 154-155) acredita que conhecimento progressivo é perfeitamente possível, o que pode ser comprovado pelo desenvolvimento das ciências. O fato de um conhecimento ser "válido apenas dentro de uma dada estrutura de intelecto" não diminui o valor epistemológico do discurso.

Outro elemento que se destaca na concepção de língua de Flusser é a rejeição de uma concepção de "eu" como uma entidade singular – rejeição que está ligada à importância que Flusser (1966, p. 172) atribui ao dialogismo:

> A conversação é um campo no qual me encontro com outros, no clima da realidade. A conversação é o fundamento do meu estar aqui na realidade. Sou, realmente, eu, porque concordo com outros, conversando. O fundamento da minha realidade é um acordo com outros. [...] É neste sentido que

> posso dizer que a língua é produto de um convênio, que é convencional, que ela é produto de um acordo quanto ao seu significado.

Flusser (1966, p. 179) define o "eu" como "aquele nó de frases, na conversação, que está aberto para o nada; por esta abertura pode irromper a poesia para enriquecer a conversação e dar-lhe impulso para realizações futuras".

A visão da língua como jogo é outro elemento característico em Flusser que também está presente em outros pensadores atuais. Wittgenstein, em *Investigações filosóficas*, já havia elaborado o conceito de "jogos de linguagem" como ligação entre o mundo e a realidade. O Wittgenstein que Flusser cita ao refletir sobre a língua é, contudo, o da primeira fase, do *Tractatus*. Embora, por um lado, possamos lamentar que não haja em Flusser uma reflexão sobre importantes elementos desenvolvidos ou aprofundados na segunda fase de Wittgenstein, como a questão do "uso" na língua, por outro lado, ao não se fixar apenas na língua, Flusser pôde desenvolver um conceito de jogo mais amplo, identificando o jogo ao próprio paradigma da contemporaneidade.

Em *Gramatologia*, Derrida (1973, p. 61) relaciona o conceito de jogo com a "ausência do significado transcendental": "Poderíamos denominar jogo a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia e da metafísica da presença."

Em estilo bem mais pessoal e prosaico, em um texto autobiográfico escrito para uma enciclopédia de filósofos brasileiros da atualidade, Flusser (1976, p. 506) também relaciona o "jogo da língua" à busca e à ausência de significado: "A língua se me apresenta como jogo, cujo significado busco. Ainda não o encontrei nem sequer posso imaginar ou intuir o encontro. Seria o fim do jogo."

Tradução: atravessando abismos

Como imigrante e poliglota, Flusser se considerava "um problema de tradução":

> Sinto-me abrigado por, pelo menos, quatro línguas, e isto se reflete no meu trabalho: traduzo e retraduzo constantemente. Eis uma das razões pelas quais me interesso pelos fenômenos da comunicação humana. Reflito sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos, porque flutuo, eu próprio, por cima deles. De modo que a transcendência das pátrias é minha vivência concreta, meu trabalho cotidiano e o tema das reflexões teóricas às quais me dedico. (Apud KRAUSE, 1998, pp. 11-12).

Já no primeiro capítulo de *Língua e realidade*, assim que estabelece a definição de língua como articulação da realidade, Flusser levanta a questão da tradução. Se cada língua constitui um cosmos diferente, como é possível a tradução?

Para Flusser, a língua não é um sistema fechado. Existe a possibilidade de se passar de uma língua à outra, existe a possibilidade de tradução e existem indivíduos poliglotas. Essa possibilidade, nos alerta Flusser, não deve levar à ressurreição do "monstro da coisa em si" – ou do que poderíamos chamar de "essencialismo". A tradução não significa a possibilidade de se dizer "a mesma coisa" em duas línguas diferentes. Tomando como exemplo as línguas portuguesa e inglesa, Flusser (1963, pp. 44-45) diz que a resposta clássica para a pergunta a respeito da possibilidade da tradução seria que "existe um conjunto chamado 'língua portuguesa', outro conjunto chamado 'língua inglesa' e um terceiro conjunto chamado 'realidade dos dados brutos'", e que os dois primeiros conjuntos consistiriam em "símbolos significando os dados do terceiro conjunto". Essa análise clássica precisa ser abandonada, já que abandonamos o conceito de "realidade dos dados brutos".

Flusser (1963, p. 45) propõe uma reformulação, pela qual se diria que

> [...] existe um conjunto chamado "língua portuguesa" e outro chamado "língua inglesa". Ambos consistem de palavras hierarquicamente organizadas e são governados por regras de combinação de palavras. As hierarquias e as regras dos dois conjuntos são parecidas.

Quando o "lugar hierárquico" e as regras que estipulam a forma das palavras e frases a serem traduzidas são semelhantes na língua de chegada, a tradução é possível, ainda que nunca de modo absoluto. Portanto, a tradução é, em princípio, realizável somente graças ao parentesco de certas línguas. Flusser enfatiza que se trata de um parentesco ontológico, e não etimológico, e cita como exemplo o curioso parentesco ontológico que existe entre o grego clássico e o alemão moderno, inexplicável etimologicamente. À medida que aumenta a distância ontológica entre as línguas, a tradução passa a ser mais difícil. "A tradução é, a rigor, impossível. Ela é possível aproximadamente, graças às semelhanças existentes entre as línguas, semelhanças ontológicas" (FLUSSER, 1963, p. 51).

Um outro aspecto importante da tradução é o momento da passagem de uma língua para a outra. "Durante a tradução, durante esse instante ontologicamente inconcebível da suspensão do pensamento, pairo sobre o abismo do nada." Existencialmente – e aqui Flusser (1963, p. 47) se refere explicitamente ao existencialismo – "toda tradução é um aniquilamento", "uma miniatura de morte".

Lembremos que, para Flusser, o silêncio é um dos limites da língua, quer se trate do silêncio do inarticulado, quer do inarticulável; quer do silêncio místico, quer do silêncio da loucura. (Wittgenstein é constantemente citado por Flusser como um pensador que, ao se deparar com a tautologia da língua, teria caído em um silêncio místico). Quando Flusser menciona o "aniquilamento" envolvido no processo tradutório, não há como não lembrarmos o risco, mencionado por Benjamin, de o tradutor encerrar-se no silêncio. O "monstruoso perigo originário de toda tradução" seria

> [...] que se fechem as portas de uma língua tão dominada e expandida, encerrando o tradutor no silêncio. As traduções de Sófocles foram a última obra de Hölderlin. Nelas, o sentido precipita-se de abismo em abismo, até arriscar perder-se no sem-fundo das profundezas da língua. (BENJAMIN, 2001, p. 213).

Na concepção de Flusser (1963, p. 50), a tradução é sempre "um salto no abismo":

> [...] a possibilidade da tradução é uma das poucas possibilidades, talvez a única praticável, de o intelecto superar os horizontes da língua. Durante este processo, ele se aniquila provisoriamente. Evapora-se ao deixar o território da língua original, para condensar-se de novo ao alcançar a língua da tradução.

A possibilidade da tradução, além de revelar que a língua é um sistema relativamente aberto, indica que o conceito "língua específica" não pode ser bem definido. Essa afirmação mostra que Flusser não adere a uma hipótese Sapir-Whorf "dura" ou "forte". Aliás, a abordagem de Flusser resolve muitos dos problemas levantados pelos críticos da hipótese Sapir-Whorf, ao introduzir uma dialética na língua. A língua determina o pensamento, e cada língua é um cosmos, mas a língua não é um sistema fechado, portanto existe a possibilidade de comunicação entre os diversos cosmos. "Cada língua inclui em seu mundo todas as demais línguas pelo método da tradução." (FLUSSER, 1963, p. 138) Pela tradução, é possível participar-se de diversas realidades.

Do que foi dito, fica evidente a importância da tradução para a filosofia. Para Flusser (1963, p. 82), a filosofia ocidental é "uma conversação entre diversas filosofias, conversação essa baseada em traduções mais ou menos falhas". Mais ainda: a filosofia é "uma conversação que tem por tema essa própria conversação". Como diz Bento Prado Jr, na lapidar resenha de *Ficções filosóficas* escrita para

a *Folha de S. Paulo* (13.02.1999), Flusser considerava a tradução como "o problema central da filosofia":

> Não apenas, como muitos filósofos (Croce, por exemplo, que tematizava a questão da "intradutibilidade" como característica essencial da poesia), como um problema entre outros, mas como uma nova versão da questão kantiana sobre os limites da Razão, como o problema "crítico" por excelência. Não apenas a questão da tradução da poesia, ou de uma linguagem natural para outra. Mas a questão da problemática superposição dos diferentes sistemas simbólicos com que exploramos o mundo, dos limites que os encerram cada um em si mesmo e dos abismos que os separam, mesmo se podem comunicar-se mediante fronteiras muitas vezes porosas.

Cultura e identidade

A visão de Flusser sobre a relação entre língua e realidade se reflete, como seria de se esperar, em sua visão de cultura. Para Flusser (2007, p. 67-70), a cultura a que se pertence por nascimento informa o próprio pensamento, inclusive em suas camadas inconscientes, e também o ambiente em que se vive. Tal cultura é vivenciada como um "dado" e como cultura *tout court* pela enorme maioria dos que a compartilham. Em outras palavras, a cultura a que se pertence estrutura o universo todo, englobando, nesse sentido, as demais culturas. A descoberta de que se trata apenas de uma entre várias culturas existentes não é algo que aconteça a muitas pessoas. Essa rara descoberta "encerra o germe da doença da falta de fundamento, porque permite uma visão externa da cultura à qual a gente pertence". Uma vez que se transcenda a própria cultura, isto é, quando a pessoa se vê nessa condição de falta de fundamento, ela "passa a pairar por cima de um conjunto complexo de várias culturas, e a gente[4] se vê a si própria assim pairando. [...] Tal visão permite comparações entre culturas, mas exclui toda valoração, e portanto todo engajamento em determinada cultura"[5].

---

4 Em *Bodenlos*, Flusser usa a expressão "a gente" no lugar da primeira pessoa do singular, "eu". Para Gustavo Bernardo Krause (2007, p. 14-15), o filósofo questiona, dessa forma, o "eu solar" e, em consequência, "todo o *cogito* cartesiano que informa e modela o pensamento ocidental e a sua expressão". Esse recurso despersonalizante provoca "um estranhamento poético que desautomatiza a leitura" e, paradoxalmente, torna o texto de Flusser "perturbadoramente único".

5 Seligmann-Silva (2009a, p. 9) observa que essa valorização do conceito de identidade como fluxo, suspensão (*Schweben*) encontra-se também em Schlegel e Novalis, assim como em Benjamin.

Para Flusser (1998, pp. 39-45), o imigrante é alguém que abandona uma situação para integrar-se em outra. Trata-se de um processo dialético, em que o imigrante "se abre a uma nova situação a fim de alterar-se e a fim de alterá-la". O imigrante recebe o impacto do ambiente, e o ambiente recebe o impacto do imigrante. "O resultado do processo, se coroado de êxito, é a alteração de ambos os fatores." Na visão de Flusser, o imigrante estaria em uma posição fenomenologicamente privilegiada para descrever o país para o qual migrou e a sua cultura. Para o imigrante, é mais fácil situar-se um "passo atrás" em relação ao fenômeno a ser observado, como manda a *epoché* (método de redução fenomenológica adotado por Husserl), porque "o imigrante se encontra em 'transcendência' do problema pela sua própria situação, desde já e automaticamente".

Paradoxalmente, Flusser achava que a liberdade do migrante consistia em permanecer estrangeiro. Ao descrever o processo de integração entre o exilado e os habitantes nativos, Flusser (2003, p. 86-87) parece descrever a sua história pessoal, do tempo em que viveu no Brasil – as conversas no terraço de sua casa no bairro do Itaim, em São Paulo, as aulas, as discussões provocadas por seus textos publicados em livros e jornais:

> Pode-se, portanto, falar em criação de um processo dialógico, em que acontece um diálogo interno ou externo. A chegada de exilados evoca diálogos externos, e uma colmeia de criatividade cerca espontaneamente o exilado. Ele se torna o catalisador de uma síntese de novas informações. [...] ele tenta entender criativamente o que levou consigo assim como o caos que o cerca no presente. Quando esses diálogos internos e externos entram em ressonância uns com os outros, não apenas o mundo, mas os habitantes estabelecidos e exilados também são transformados criativamente. Foi isso o que eu quis dizer quando disse que a liberdade do exilado consiste em permanecer estrangeiro, diferente dos outros. É a liberdade de mudar a si mesmo e aos outros.[6]

6 "One can therefore speak of creation as a dialogic process, in which either an internal or external dialogue takes place. The arrival of expellees in exile evokes external dialogues, and a beehive of creativity spontaneously surrounds the expellee. He becomes the catalyst for the synthesis of new information. [...] he attempts to make creative sense of what he brought with him as well as of the chaos that surrounds him in the present. When such internal and external dialogues resonate with each other, not only the world but the settled inhabitants and expellees as well are transformed creatively. That is what I meant when I said that the freedom of the expellee consists in remaining foreign, different from others. It is the freedom to change oneself and others." (Tradução nossa, a partir da tradução do alemão para o inglês de Kenneth Kronenberg).

Nesse processo dialógico, "o exilado é o Outro dos outros", e essa é a única identidade que ele consegue formar para si próprio. Ele permanece diferente dos outros, e os outros permanecem diferentes para ele. A chegada do exilado permite que os residentes locais criem uma identidade em relação a ele. Surge uma rachadura no "eu" e uma abertura para os outros. Nem sempre esse diálogo é pacífico e tranquilo; "em geral é polêmico e até mesmo sanguinário":

> Isso porque o exilado ameaça a singularidade dos habitantes estabelecidos, colocando-a em questão por sua própria estrangeiridade. Mas até mesmo tal diálogo polêmico é criativo, porque ele, também, leva a uma síntese de novas informações. O exílio, independentemente da forma, é o incubador da criatividade a serviço do novo[7].

A opção por "permanecer estrangeiro" liga-se à crítica ao nacionalismo, o qual, assumindo sua forma extrema no nazismo, fora o responsável pelos horrores de Auschwitz. Devido ao corte radical e traumático que foi, para Flusser, o exílio, forçado pela violência de uma invasão que causou a morte de todos os que o ligavam a Praga, Seligmann-Silva (2009b, p. 171, n. 4) considera a reflexão de Flusser sobre a *Heimat*[8] e a identidade como uma filosofia do exílio e não como uma simples filosofia (ou como um elogio) da emigração. Segundo Seligmann-Silva (2009a, p. 3, itálicos do autor), a experiência do exílio, de corte com a "origem", "construiu dentro de Flusser um *espaço* privilegiado, lançou-o como que sobre uma *ponte* que atravessa nossa cultura, de onde Flusser desfrutou de uma visão *sui generis*, desestabilizadora, da sociedade".

Anke Finger (2008, p. 48) aproxima o pensamento de Flusser dos Estudos Culturais[9] em vários aspectos, entre os quais o modo como Flusser questionava todas as fronteiras. Ao assumir-se *Bodenlos*, Flusser apontava "a impossibilidade de

---

7 "This is because the expellee threatens the singularity of the settled inhabitants, putting it in question by his own foreignness. But even such a polemical dialogue is creative, because it, too, leads to a synthesis of new information. Exile, no matter the form, is the incubator of creativity in the service of the new." (FLUSSER, 2003, pp. 86-87. Tradução nossa, a partir da tradução do alemão para o inglês de Kenneth Kronenberg.)

8 A palavra alemã *Heimat* não significa apenas "pátria", conceito talvez melhor expresso pela palavra *Vaterland*. *Heimat* abrange também os conceitos de "lar", "terra natal" e "identidade regional", evocando aspectos de mito e nostalgia dificilmente traduzíveis em outras línguas.

9 Escola de pensamento dedicada ao estudo da cultura em suas diversas formas por meio de uma perspectiva multidisciplinar, com especial destaque para as relações entre o poder e a cultura. Concentrou-se em torno do *Center of Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmigham, fundado em 1964 e dirigido por Richard Hoggart e Stuart Hall.

fronteiras claras entre línguas, entre nações e culturas, e entre memórias e conhecimentos". De fato, a análise de Stuart Hall (2002), ao apontar a desintegração da noção essencialista de identidade, ancorada em uma concepção fixa e imanente de sujeito centrado e unificado, guarda muitas semelhanças com o pensamento e a vivência de Flusser.

Considerações finais

Rainer Guldin (2005, p. 8) acredita que, em Flusser, a *Bodenlosigkeit*[10] se transforma em uma sobreposição libertadora de muitas pátrias diferentes. Essa pluralidade carrega, contudo, marcas de uma ambivalência carregada de tensão, parcialmente resolvida por um processo constante de tradução e a retradução enquanto construção de pontes de entendimento.

Observando que, em vez de romper com suas "pátrias", Flusser as incorporava, Seligmann-Silva (2009b, p. 164) compara essa situação com a teoria de Derrida sobre a sua "prótese de origem" no ensaio *O monolinguismo do outro*. Derrida, judeu nascido na Argélia, também fora vítima da discriminação e perseguição, tendo sido expulso do liceu onde estudava pelos administradores franceses que implementavam as "cotas antissemíticas" do governo Vichy. Vivendo na França e falando francês, Derrida seria "um 'exilado' do árabe, do berbere e do hebraico". "Minha língua, a única que ouço falar e que me ouço a falar, é a língua do outro."[11] (DERRIDA, 1996, p. 47) Essa situação de "errância identitária" seria exemplar porque "representa ou reflete uma espécie de 'alienação' originária que institui toda língua como língua do outro: a impossível propriedade de uma língua"[12] (DERRIDA, 1996, p. 121). Como Flusser, Derrida "também pensava entre as línguas e apresentava uma consciência fora do comum da tarefa tradutória" (SELIGMANN-SILVA, 2009b, p. 164). A *Bodenlosigkeit* dava-lhes uma situação privilegiada para refletir sobre as questões relativas à tradução.

Flusser vê o mundo de um não lugar privilegiado, uma espécie de Aleph borgiano, um ponto focal que só existe por ser a junção de todas as redes que passam por ele e que constituem o seu "eu". Utopicamente, Flusser projeta um

10 Falta de raízes, de fundamento.

11 "Ma langue, la seule que je m'entende parler et m'entende à parler, c'est la langue de l'autre." (Tradução nossa).

12 "elle représente ou réfléchit une sorte d' 'aliénation' originaire qui institue toute langue en langue de l'autre: l'impossible propriété d'une langue." (Tradução nossa).

mundo em que todos sejam *Bodenlos* e pairem, como ele, por sobre as línguas e os modelos.

Referências

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

____. *Le monolinguisme de l'autre ou la protèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo: Herder, 1963.

____. Filosofia da linguagem. In: *ITA-Humanidades*, n. 2, pp. 133-210, 1966.

____. *Da religiosidade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.

____. Em busca de significado. In: LADUSÃNS, Stanislavs. *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 493-506.

____. *Fenomenologia do brasileiro:* em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

____. *The freedom of the migrant:* objections to nationalism. Edited by Anke Finger. Translated by Kenneth Kronenberg. Champain: University of Illinois Press, 2003.

____. *Bodenlos:* uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

FINGER, Anke. Vilém Flusser e os estudos culturais. In: FINGER, A.; GULDIN, R.; KRAUSE, G. B. *Vilém Flusser:* uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 37-58.

GULDIN, Rainer. *Philosophieren zwischen den Sprachen: Vilém Flussers Werk*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. A *épokhé* brasileira. Prefácio a FLUSSER, V. *Fenomenologia do brasileiro:* em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp. 7-29.

____. A gente de Flusser. Prefácio a FLUSSER, V. *Bodenlos:* uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007, pp. 9-15.

MARTINS, C. S. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. São Paulo: Humanitas, 2011.

PRADO JR., Bento. A chuva universal de Flusser. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 fev. 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. De Flusser a Benjamin – do pós-aurático às imagens técnicas. In: *Flusser Studies*, n. 8, May 2009a. Página eletrônica: http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/seligmann-flusser-benjamin.pdf. Consulta realizada em 12 de agosto de 2015.

____. Construir pontes para fora da *Heimat*: Vilém Flusser e as marcas de seu exílio. In: ALMEIDA, S., CURY, M. e WALTY, I. (Orgs.), *Mobilidades culturais:* agentes e processos. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009b, pp. 155-173.